



Evento reuniu representantes das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa.

Foto: Acrom/Fapespa

Fapespa realiza Fórum Nacional Confap Belém 2017

Papel da ciência e tecnologia na Amazônia foi debatido em três dias de evento

Por Edson Oliveira e Fernanda Graim

O papel da ciência e tecnologia na Região Amazônica foi debatido por representantes de todas as Fundações que compõem o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) no “Fórum Nacional Confap Belém 2017”, ocorrido entre os dias 16 e 18 de agosto, na capital paraense. A união de esforços, conhecimento e experiências a fim de buscar

um orçamento satisfatório para as pesquisas no Brasil foi a tônica do evento, organizado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa).

O Fórum reuniu ainda presidentes e representantes de agências federais de fomento (CNPq, Capes e Finep); representantes de instituições de pesquisa; reitores de universidades; parceiros nacionais e interna-

cionais; diretores da área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I); pesquisadores; além de representantes da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica (Sectet) e do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).



Foto: Agência Pará

Presidente da Fapespa, Eduardo Costa, destacou os investimentos da Fundação durante uma década de existência.

Na ocasião, foram comemorados os 10 anos da Fapespa que, durante sua trajetória, já ofertou 6.558 bolsas (total de R\$ 80 milhões investidos), contratou 985 projetos de pesquisa e apoiou 244 eventos. Durante a cerimônia de abertura, o presidente da Fundação, Eduardo Costa,

destacou ações recentes, como a gestão do Programa Tecnova, as parcerias no polo científico-tecnológico de Salinópolis e no Laboratório da Qualidade do Leite, o apoio técnico-científico ao polo de pesca e aquicultura em Bragança e o convênio com a Santa Casa de Misericórdia do Pará. De acor-



O Brasil está aqui, a ciência brasileira está representada neste Fórum.”

Maria Zaira Turchi, presidente do Confap.

do com Costa, os investimentos na área científica se refletem em novos produtos, novas empresas, verticalização da produção e, conseqüentemente, em uma economia mais dinâmica.

A presidente do Confap, Maria Zaira Turchi, enfatizou a importância da integração entre os participantes do evento. “O Brasil está aqui, a ciência bra-

sileira está representada neste Fórum”, pontuou. O diretor de políticas e programas de desenvolvimento do MCTIC, Jailson Bitencourt de Andrade, desta-

cou que é necessário o uso intensivo de CT&I para garantir o desenvolvimento social. Ele lembrou que a diferença entre os países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento é que os primeiros consideram os dispêndios em ciência, tecnologia e inovação como investimentos.

Também presente ao evento, o chefe de Ciência, Tecnologia e Inovação da delegação da União Europeia no Brasil, Alejandro Zurita, demonstrou total apoio ao país, para tanto, ele ressaltou que é necessário identificar as prioridades, a fim de que possa ocorrer a cooperação. “A Europa acredita que o crescimento pleno precisa de um aumento do orçamento na área de CT&I”, explicou.



O desenvolvimento humano sempre depende de dois fatores: recursos naturais disponíveis e conhecimento aplicado.”

Alex Fiúza de Mello, titular da Sectet.

O primeiro dia de Fórum foi marcado também pela palestra do titular da Sectet, Alex Fiúza de Mello, que destacou a Amazônia como o “maior desafio nacional do século XXI” (para saber mais sobre o tema, leia o artigo na página 55). Ele pontuou que é necessário encontrar um meio

de gerar o desenvolvimento de forma a garantir também a preservação ambiental, porém não há exemplos a serem seguidos nesse sentido, é necessário inventar. Para o Secretário, os recursos naturais guardados pela Amazônia podem ser a salvação do Brasil, pois “o desenvolvimento humano sempre depende de dois fatores: recursos naturais disponíveis e conhecimento aplicado”, concluiu.

Ampliação de cooperações e parcerias

O segundo dia de evento foi marcado por debates e deliberações acordadas com parceiros federais e organismos internacionais. Antecedendo as discussões, foi apresentada a 1ª

edição do Boletim da Ciência, Tecnologia e Inovação do estado do Pará, elaborado pela Fapespa em parceria com a Sectet. Em seguida, a primeira mesa de debates foi pautada pelo tema “O Papel da Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia”, moderada por Eduardo Costa.

Na sequência, foram debatidos acordos e convênios com parceiros das agências federais, como CNPq, Capes e Finep, e organismos internacionais, como a União Europeia. Na parte da tarde, foi apresentado o resumo do Projeto Centelha, exposto na reunião por Marcelo Camargo, do Departamento de Programas Descentralizados da Finep. Ao final do dia, foram apresentados resultados das parcerias internacionais por meio de editais lançados pelo Confap, no conjunto de suas Fundações.



Titular da Sectet, Alex Fiúza de Mello, proferiu palestra durante a abertura do evento.



Coordenador do LASSE, Aldebaro Klautau, apresenta projetos do laboratório.



Coordenador do LASSE, Aldebaro Klautau, apresenta projetos do laboratório.

Atividades ligadas à inovação

As atividades do último dia de Confap tiveram início no Parque de Ciência e Tecnologia Guamá (PCT Guamá), construído pelo Governo do Pará por meio da Sectet em parceria com o Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os participantes do Fórum visitaram os laboratórios do Parque, em

especial, o LASSE - Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações, Automação e Eletrônica; o Laboratório de Óleos Vegetais e Derivados; e o Centro de Valorização de Compostos Bioativos da Amazônia. Além disso, eles se concentraram nas discussões de propostas de ação, sobretudo quanto aos desdobramentos do Marco Legal nos Estados. A visita foi conduzida pelo titular da Sectet, Alex Fiúza de Mello, e pelo dire-

tor do Parque, Antônio Abelém. Na parte da tarde, as atividades foram encerradas com as palavras dos representantes de cada Estado que puderam apresentar a situação de suas Fundações e sugestões de novos encaminhamentos e deliberações.

AMAZÔNIA E A REVOLUÇÃO PELO CONHECIMENTO

A construção de um modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia representa um imenso desafio. De saída, não há disponível, no mundo, referência de país tropical desenvolvido com economia baseada no aproveitamento racional dos recursos florestais, em que o desenvolvimento social e econômico esteja conciliado com a conservação da natureza e das diferentes culturas autóctones. Os próprios países que lideraram, na modernidade, a revolução científico-tecnológica e a constituição do atual sistema capitalista mundial criaram um modelo de progresso pautado na destruição da natureza e dos povos, hoje com esgotamento do padrão dominante refletido na grave crise ecológica instalada em todo o planeta.

Portanto, o desafio amazônico, nesse quadro, não é nada trivial: tentar, com a contribuição crucial da ciência, da tecnologia e da inovação, a construção da única “civilização florestal” da história moderna, em bases sustentáveis e tecnologicamente avançadas, servindo de paradigma alternativo para o mundo, com oferta de soluções criativas e inovadoras para os crônicos problemas sociais e ambientais em zonas do Trópico Úmido.

Sem desdenhar de outras dimensões da façanha, por certo os grandes eixos estratégicos do desenvolvimento amazônico dependem de um vigoroso impulso nos processos de agregação de valor econômico à biodiversidade, convocando-se à tarefa todo o saber disponível, em nível nacional e internacional – que reside em instituições, comunidades e pessoas – e trabalhando-se em rede.

Nessa perspectiva, o que deve interessar, meridianamente, no patamar das políticas públicas, não é de que maneira a Ciência pode servir-se da Amazônia, e, sim, como pode o conhecimento científico ser produzido na e utilizado pela região – como já formulara o saudoso economista paraense Armando Mendes. Eis aqui o novo prumo da medida possível de toda “re-invenção” da Amazônia: a informação consistente sobre as realidades regionais (ciência); a formação crítica e qualificada das mentalidades locais (educação); e a transformação exitosa do conhecimento em soluções para o progresso humano (tecnologia e inovação).

A única defesa possível para a Amazônia e para o seu desenvolvimento sustentável re-

pousa, pois, no domínio hegemônico do conhecimento sobre os ativos ambientais que a região encerra e no seu manejo tecnológico customizado, para fins de desenvolvimento humano. Nessa perspectiva – e em consequência –, deve-se alterar o atual paradigma produtivo, evoluindo-se do obsoleto extrativismo secular e predatório, centrado unicamente na exportação de commodities – aos moldes de uma acumulação primitiva e (ainda) violenta –, a uma vigorosa e moderna economia do conhecimento, alavancada por investimentos estratégicos em ciência e tecnologia, com fins de inovação e inclusão social. Dito em outras palavras: inéditas cadeias de produção bioindustriais (fármacos, fitomedicamentos, cosméticos, alimentos industrializados, bebidas, nutrientes, óleos, etc.), alimentadas por redes de pesquisa associadas à biodiversidade, com articulação das estruturas regionais (produtivas, científicas e culturais) aos circuitos nacionais e internacionais, com intensificação dos fluxos comerciais e financeiros, em igual escala. Eis a agenda para o século XXI!

Alex Fiúza de Mello